

Pluralidade e Decolonialidade de Gênero em IHC: Perspectivas e Interseccionalidades Latino-Americanas

Israel Lucas Barros de Amorim¹, Suzane Santos dos Santos²,
Marcelle Pereira Mota¹

¹Programa de Pós-Graduação em Ciências da Computação
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Caixa Postal 479 – 66.075-110 – Belém – PA – Brasil

²Programa de Pós-Graduação em Ciências de Computação
e Matemática Computacional
Universidade de São Paulo (USP), São Carlos, Brasil

israel.amorim@icen.ufpa.br, suzanesantos@usp.br, mpmota@ufpa.br

Abstract. Introduction: Gender research in HCI is still focused on approaches from global north countries, with few representation of specific experiences of Latin American transgender populations. **Objective:** To propose reflections toward the development of a research agenda led by Brazilian researchers. **Methodology:** Analysis grounded in the proposal of adopting Decolonial Frameworks as guiding instruments, articulations between sectors, and partnerships with local organizations of trans and travesti people. **Expected Results:** Strengthening of the intersectional HCI agenda that includes specific realities of the Brazilian transgender and gender non-conforming population, promoting global south scientific protagonism.

Keywords HCI, Gender, Decoloniality, Plurality, Latin America.

Resumo. Introdução: A pesquisa de gênero em IHC ainda se concentra em abordagens de países do norte global, com pouca representação de vivências específicas de populações transgênero latino-americanas. **Objetivo:** Propor reflexões para o desenvolvimento de uma agenda de pesquisa protagonizada por pesquisadores brasileiros. **Metodologia:** Análise fundamentada na proposta de adoção de Frameworks Decoloniais como instrumentos orientadores, articulações entre setores e parcerias com organizações locais de pessoas trans e travestis. **Resultados Esperados:** Fortalecimento da agenda interseccional de IHC que inclua realidades específicas da população transgênero e de gênero não-conforme brasileira, promovendo protagonismo científico do sul global.

Palavras-Chave IHC, Gênero, Decolonialidade, Pluralidade, América Latina.

1. Descrição dos desafios abordados

A comunidade de Interação Humano-Computador (IHC) tem estudado as formas que indivíduos utilizam sistemas computacionais e como esses sistemas podem ser projetados para promover uma experiência eficiente e inclusiva, ou não. Nesse cenário de busca por sistemas inclusivos, há a pesquisa de Gênero em IHC, que investiga a identidade de gênero como fator de influência na criação e no uso de tecnologias. Os estudos têm considerado a diversidade e demonstrado um movimento crescente em direção à pluralidade,

refletindo o compromisso de incluir vivências identitárias historicamente marginalizadas por formarem gênero e sexualidade fora de padrões sociais pré-estabelecidos, como indivíduos transgênero e de gênero não-conforme (TGNC) [Scheuerman et al. 2020].

Diversos sistemas computacionais podem reforçar transfobia e estereótipos relacionados à identidade de gênero. Por exemplo, algoritmos de reconhecimento facial treinados quase exclusivamente em rostos cisgêneros apresentam alto índice de erro ao identificar pessoas trans e não-binárias, atribuindo-lhes gênero incorreto ou classificando-as como “indefinidas” [Silva e Varon 2021]. Formulários online que exigem escolha entre “masculino” e “feminino” forçam identidades não-binárias a selecionar “outro” ou abandonarem o cadastro, dificultando seu acesso a serviços digitais [Coleman et al. 2012]. Ou seja, as discussões acerca de gênero em IHC são relevantes e necessárias, mas a pesquisa também deve passar pelas perspectivas de pessoas TGNC.

No entanto, apesar de a pesquisa de IHC ter incluído tais perspectivas na discussão de “gênero vs tecnologia” e se distanciado de abordagens estritamente binárias de identidade, ainda há um caminho a ser percorrido para se aproximar de uma pesquisa plural. Ao analisar o cenário geográfico macro da área de gênero em IHC, é possível identificar que os estudos ainda se concentram em abordagens promovidas pelo norte global, sub-representando vivências e demandas específicas de populações de gêneros interseccionais fora do eixo americano, europeu ou de países centrais. Por exemplo, a vivência travesti, que se manifesta em maior quantidade e ocupa um lugar marcante na cultura da América Latina, especialmente no Brasil [Vieira et al. 2025].

Diante disso, é possível inferir que esse cenário também contribui para a invisibilidade dos pesquisadores brasileiros, cujos trabalhos situados localmente reconhecem perspectivas atravessadas por múltiplos marcadores de identidade, como classe social, nacionalidade e outras interseccionalidades, as quais são essenciais para compreender as nuances e complexidades das vivências de gênero na América Latina.

2. Relatos e análises sobre o que foi realizado em 2024 — 2025

Desde a publicação do GranDIHC-BR (Grandes Desafios de Pesquisa em IHC no Brasil de 2025 a 2035), é possível destacar alguns avanços em pesquisas que abordam as nuances de gênero no design tecnológico na virada de 2024 para 2025, especialmente por meio de metodologias que reconhecem as complexidades da relação entre gênero e interação com sistemas, como IHC Feminista. Nesse contexto, na pesquisa de Pereira e Monteiro (2024), foi relatado o desenvolvimento e avaliação de um aplicativo voltado a mulheres com deficiência visual, com o objetivo de promover autonomia e autoestima por meio de tecnologias assistivas e design inclusivo [Pereira e Monteiro 2024].

Na pesquisa de Batista *et al.* (2024), analisou-se as preferências e experiências de mulheres brasileiras em jogos digitais, contribuindo para ampliar a compreensão sobre diversidade de gênero em um campo majoritariamente dominado por um público masculino, propondo recomendações para interfaces de jogos mais inclusivas [Batista et al. 2024]. Além disso, na pesquisa de Oliveira Freires *et al.* (2024) foi conduzido um mapeamento sistemático da literatura para identificar diretrizes e desafios na aplicação da perspectiva feminista em design de interação, destacando as contribuições brasileiras e apontando caminhos para o avanço da pesquisa de gênero em IHC [de Oliveira Freires et al. 2024].

Apesar da relevância desses estudos para o enfrentamento do viés masculino no design e uso de tecnologias, a representatividade das perspectivas de indivíduos TGNC permanece baixa no cenário brasileiro, contrariando a tendência global de inclusão dessas vivências na pesquisa [De Cet et al. 2025]. Essa lacuna torna-se ainda mais crítica ao considerar que recortes de gênero necessitam ser analisados em articulação com outras dimensões identitárias, como nacionalidade e classe social. Por isso, é necessário ampliar a representatividade da pesquisa de gênero em IHC contextualizada em cenários do sul global, dando mais relevância às experiências de indivíduos TGNC na pesquisa de gênero em IHC ao incluir pesquisadores brasileiros e latino-americanos nessa discussão.

3. Reflexões críticas sobre as direções apontadas nos desafios

O GranDIHC-BR 2025-2035 - GD3 (GD3) entende **pluralidade** como um movimento que amplia intersecções entre conceitos como diversidade, equidade, acessibilidade e inclusão [Pereira et al. 2024]. Nesse sentido, no contexto latino-americano brasileiro, embora existam esforços na comunidade para abordar questões fora de conceitos estritamente binários de gênero [de Amorim et al. 2023], ainda permanece uma significativa lacuna na pesquisa. Ou seja, estudos conduzidos por pesquisadores do sul global, com suas próprias perspectivas e metodologias que incluam a escuta de usuários TGNCs locais, seguem sub-representados. Conforme evidenciado no GD3, a realidade do sul global é frequentemente vista como fonte de dados a serem extraídos e processados pelo norte global, contribuindo para uma dinâmica neocolonial que marginaliza experiências e saberes locais. Essa dinâmica atribui ao identitarismo de gênero do sul global um papel secundário, reforçando invisibilidades que impedem uma real contribuição à pluralidade de experiências.

4. Lacunas, oportunidades e parcerias

Diante da lacuna na pesquisa de gênero em IHC com indivíduos TGNCs contextualizada em cenários do sul global, é importante que a comunidade desenvolva uma agenda de pesquisa protagonizada por pesquisadores latino-americanos, utilizando metodologias decoloniais para abranger a diversidade de identidades de gênero presentes no contexto territorial do sul global, com sua complexidade cultural, social e política. Isso porque as realidades latino-americanas, por exemplo, possuem características singulares, formadas por sujeitos múltiplos que constituem realidades pouco compreendidas quando analisadas exclusivamente através de lentes teóricas do norte global, construindo saberes com os participantes, ao invés de apenas extrair informações sobre eles.

Por isso, como forma de resposta aos desafios identificados, a comunidade de IHC pode refletir sobre a implementação de uma agenda consciente e ativa de métodos de pesquisa. Para isso, a adoção de *Frameworks* Decoloniais como instrumentos orientadores para alcançar a pluralidade pode contribuir com *insights* [Alvarado Garcia et al. 2021]. Tal abordagem exige reflexão crítica sobre questões fundamentais: **para quem** uma pesquisa é desenvolvida e **para quê** propósitos ela existe, posicionando pesquisadores do sul global não apenas como participantes, mas protagonistas e cocriadores.

O desenvolvimento e aplicação dessas metodologias devem ocorrer de forma interseccional, articulando-se com iniciativas voltadas à inclusão e justiça social que

vão além dos limites de IHC. Por exemplo, a organização *Coding Rights*, que debate tecnologia sob perspectivas decoloniais, possui pesquisas que examinam a relação entre tecnologias de reconhecimento facial e identidades transgênero no Brasil [Silva e Varon 2021]. Grupos de pesquisa e extensão como o *Matematiqueer*, que reúne pesquisadores interessados na discussão sobre nuances de gênero contextualizadas em ambientes e contextos tecnológicos, representam oportunidades importantes para colaborações transdisciplinares [dos Reis Detoni et al. 2024].

O avanço de uma agenda de gênero interseccional em IHC também requer uma colaboração mais efetiva entre academia e indústria. Por isso, estabelecer vínculos com organizações de pessoas trans, travestis e outras identidades de gênero oriundas de realidades locais pode contribuir para que a pesquisa seja orientada pelas demandas reais dessas comunidades. Tais vínculos são importantes para facilitar colaborações e orientar a pesquisa pelas demandas reais dessas comunidades. Essa relação pode ser alcançada como consequência do contato com os coletivos de pesquisa e grupos que possuem o mesmo objetivo de diminuir problemáticas da relação entre gênero e tecnologia.

Além disso, uma agenda colaborativa se alinha diretamente com outros grandes desafios de IHC. O **GD1 - Novas Abordagens Teóricas e Metodológicas**, destaca a necessidade de paradigmas metodológicos que considerem aspectos relacionais, corporais e de experiência. Simultaneamente, o **GD4 - Aspectos Socioculturais** reforça a importância de considerar a diversidade sociocultural no design e uso de tecnologias. Isso significa reconhecer que as experiências de pessoas trans e travestis latino-americanas são atravessadas por especificidades culturais, regionais e socioeconômicas que diferem substancialmente da realidade do norte global [Pereira et al. 2024].

5. Caminhos, estratégias e articulações para os próximos anos

Fundamentado nas reflexões apresentadas sobre a necessidade de uma agenda de pesquisa protagonizada por pesquisadores latino-americanos, especificamente brasileiros, e nas lacunas identificadas na sub-representação de vivências interseccionais em IHC, propõe-se a criação de um ambiente de projetos relacionados cujo objetivo seja diminuir o viés masculino presente em tecnologias e ambientes de ciências exatas. A iniciativa operacionalizaria os *frameworks* decoloniais discutidos anteriormente, estabelecendo uma rede colaborativa que conecte pesquisadores, ativistas, organizações e comunidades que incluam de forma centralizada pessoas TGNC e pesquisadores gerais da área interessados na relação entre tecnologia e identidades de gênero no contexto latino-americano.

5.1. Computação *Transversal*

A ideia inicial se concentra num **portal centralizador** como concretização inicial de uma agenda de pesquisa transativista, na forma de um website de catalogação de grupos de pesquisa, coletivos, organizações e projetos que trabalham na intersecção entre tecnologia e diversidade de gênero na América Latina, facilitando a descoberta de parcerias e colaborações. Paralelamente a isto, uma *newsletter* periódica pode contribuir com o projeto ao realizar uma distribuição mensal de conteúdo que destaque pesquisas emergentes, eventos, oportunidades de financiamento, chamadas para participação em projetos colaborativos e atualizações sobre políticas públicas relacionadas à população em questão e sua relação com tecnologia.

Além disso, pretende-se promover uma presença ativa em redes sociais com conteúdo educativo sobre a importância de perspectivas interseccionais em tecnologia, divulgação de pesquisas nacionais, conscientização sobre violências tecnológicas contra pessoas trans e travestis, amplificando as vozes de pesquisadores latino-americanos da área. Assim, espera-se que a comunidade colaborativa contribua para superar a sub-representação de pesquisadores locais ao promover efetivamente a pluralidade através da valorização de vivências específicas da população transgênero e de gêneros interseccionais latino-americanos. Dessa forma, a Computação *Transversal* operacionalizaria as reflexões teóricas apresentadas, transformando-as em ações concretas para o fortalecimento da agenda interseccional de IHC no contexto latino-americano.

6. Contribuições e reflexões para o avanço da área

Conforme evidenciado, estabelecer parcerias e diálogos diretos com a comunidade TGNC brasileira, especialmente em ambientes em que se discute tecnologia vs gênero, pode promover trocas de experiências e de saberes, ampliando substancialmente o escopo e o impacto das pesquisas gênero em IHC na América Latina, especialmente no Brasil por conta da abrangência geográfica e cultural. Com a aproximação de pesquisadores brasileiros de IHC e coletivos e pesquisadores de outras áreas relacionadas, amplia-se a possibilidade de fortalecimento da discussão, enriquecendo-a com experiências e visões vindas de diferentes contextos e campos de pesquisa relacionados à inclusão e diversidade, para que o caminho em direção à pluralidade inclua, de fato, perspectivas, necessidades e realidades específicas da população de gênero interseccional do sul global.

7. Aspectos éticos envolvidos

Esta pesquisa foi baseada nas teorias obtidas por meio do estado da arte em Interação Humano-Computador e teorias de gênero, além da experiência profissional e acadêmica dos pesquisadores. Assim, de acordo com a Resolução CNS 510/2016, a aprovação em comitê de ética não é necessária.

Agradecimentos

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento das bolsas às pessoas autoras. Além disso, agradecemos ao *Writefull*, Inteligência Artificial do *Overleaf*, pelo suporte nos ajustes gramaticais no texto, mantendo-se a autoria intelectual e responsabilidade pelos conteúdos apresentados.

Referências

- Alvarado Garcia, A., Maestre, J. F., Barcham, M., Iriarte, M., Wong-Villacres, M., Lemus, O. A., Dudani, P., Reynolds-Cuellar, P., Wang, R., e Cerratto Pargman, T. (2021). Decolonial pathways: Our manifesto for a decolonizing agenda in HCI research and design. In *Extended Abstracts of the 2021 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, CHI EA '21, New York, NY, USA. Association for Computing Machinery.
- Batista, E., Martins, H., e Villela, M. (2024). Do que elas gostam mais?: Preferências de jogadoras brasileiras em relação a aspectos das interfaces de jogos digitais. In *Anais Estendidos do XXIII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, pages 129–133, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.

- Coleman, E., Bockting, W., Botzer, M., Cohen–Kettenis, P., Devor, A., Ehrbar, R., Ettner, R., Goldberg, J., Green, R., Hancock, A., et al. (2012). Standards of care for the health of transsexual, transgender, and gender-nonconforming people. *International Journal of Transgenderism*, 13(4):165–232.
- de Amorim, I. B., Santos, S. S. D., Silva, I. M. M. D., Rodrigues, K. R. D. H., e Mota, M. P. (2023). Gender nuances in human-computer interaction research. In *Anais do XXII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- De Cet, M., Obaid, M., e Torre, I. (2025). Breaking the binary: A systematic review of gender-ambiguous voices in human-computer interaction. In *Proceedings of the 2025 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, CHI '25, New York, NY, USA. Association for Computing Machinery.
- de Oliveira Freires, M., Monteiro, K. N., de Sena, G. R., de Araújo Silva, J., da Silva Pinheiro, V., e Marques, A. (2024). Guidelines for feminist hci in practice: How far are we? In *Anais do XXIII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, pages 314–325, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- dos Reis Detoni, H., Mendes, L. C., e da Conceição Esquinca, A. (2024). O matematiqueer como lócus de resistência à escalada do conservadorismo e fomento à formação em gêneros, sexualidades e educação matemática. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, 7(22):e16169.
- Pereira, R., Darin, T., e Silveira, M. S. (2024). Grandihc-br: Grand research challenges in human-computer interaction in brazil for 2025-2035. In *Proceedings of the XXIII Brazilian Symposium on Human Factors in Computing Systems*, IHC '24, New York, NY, USA. Association for Computing Machinery.
- Pereira, R. C. e Monteiro, I. (2024). K.eyes: an application to assist in the self-makeup process for visually impaired women. In *Anais do XXIII Simpósio Brasileiro sobre Fatores Humanos em Sistemas Computacionais*, pages 499–514, Porto Alegre, RS, Brasil. SBC.
- Scheuerman, M. K., Spiel, K., Haimson, O. L., Hamidi, F., e Branham, S. M. (2020). Hci guidelines for gender equity and inclusivity. Disponível em: <https://www.morgan-klaus.com/gender-guidelines.html>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- Silva, M. R. e Varon, J. (2021). Reconhecimento facial no setor público e identidades trans: tecnopolíticas de controle e ameaça à diversidade de gênero em suas interseccionalidades de raça, classe e território. Technical report, Coding Rights, Rio de Janeiro. Acesso em: 10 ago. 2025.
- Vieira, V. F., Goldberg, A., e Bermúdez, X. P. C. D. (2025). Transexualidade e assistência à saúde no brasil: uma discussão teórico-conceitual sobre a influência do binarismo de gênero. *Ciência & Saúde Coletiva*, 30(4).